

## Narrativas de mulheres negras à luz de suas vivências em instituições religiosas na cidade de Rolim de Moura-RO

Narratives of black women in light of their experiences in religious institutions in the city of Rolim de Moura-RO

Verônica Rodrigues Tomaz<sup>1</sup>  
Tadeu Pereira dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo propôs colocar a mulher negra sob perspectiva, em uma análise de sua realidade no contexto religioso, sob as lentes históricas, culturais, sociais e políticas, de maneira a compreender a forma como tem lidado com o racismo, discriminações e o machismo em seus grupos religiosos. Portanto, teve-se como objetivo identificar a percepção da mulher negra a respeito de suas vivências nos grupos religiosos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva, através da aplicação de um questionário aberto direcionado a um seletivo grupo de mulheres negras, evangélicas e católicas, compartilhando suas vivências religiosas na cidade de Rolim de Moura, no interior do estado de Rondônia-RO.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Racismo. Instituição religiosa.

**Abstract:** This study aims to put black women in perspective, in an analysis of their reality, not in a religious context, with historical, cultural, social and political lenses, in order to understand how they fear racism, discrimination and sexism in their groups. religious. Therefore, the objective is to identify the perception of black women about their experiences in religious groups. Therefore, a qualitative and descriptive field research was carried out, through the application of an open questionnaire directed to a select group of black and Catholic evangelical women, sharing their religious experiences.

**Keywords:** Black women. Racism. Religious institution.

<sup>1</sup> Psicóloga clínica formada pela Faculdade de Rolim de Moura –FAROL, Especialista em Educação Gênero e Diversidade na Escola pela universidade Federal de Rondônia, Especialista Neuropsicologia Clínica Habilitação e Reabilitação pelo Centro de Ensino de Cacoal-Rondônia, Licenciada Em pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. E-mail: veronica18rm@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, com estágio pós-doutoral na mesma instituição; professor na Universidade Federal de Rondônia, Brasil; vice coordenador do Centro de Documentação Regional da Zona da Mata Rondoniense; líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de História, Teoria e Questão Étnico-Racial. E-mail: tadeuspopolis@yahoo.com.br.

Recebido em 18/09/2023

Aprovado em 29/11/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O legado histórico de escravidão, colonialismo, constituiu o referencial de desigualdade arregimentador da sociedade brasileira. Racismo e machismo são marcas no espaço-tempo com implicações desastrosas na atualidade, ambos legitimam discriminação e preconceito velados ou diretos. Quanto às mulheres negras, essas se veem diante do desafio de lutarem contra as mazelas oriundas dos estereótipos radicalizados.

No âmbito religioso, as mulheres negras se movimentam dentro de um universo simulador de democracia racial. Essas mulheres, de uma forma ou de outra, de um modo perceptível ou imperceptível criam estratégias e táticas”, de maneira que essa tal democracia possa existir de modo fantasioso, “virtual”, ou seja, não existe, mas fingem existir.

Com relação a presença de negros no universo cristão, há a informação de que na comunidade evangélica há uma considerável expressividade de negros e negras. Sendo isso um fato, é possível relacionar a fé cristã de orientação evangélica e a referida comunidade, porém, nota-se nesse cenário evangélico-cristão caso de racismo, de preconceito e discriminação social. Diante disso, percebe-se um certo enfrentamento de modo que negros e negras convivem com processo de exclusão, fazendo com que suas vidas se descaracterizem socialmente. Observando-se as condições das vidas negras, a religiosidade evangélica se aproxima dos sujeitos negros numa condição de fragilidade visando o proselitismo.

Em termos de gênero, é sabido que as práticas de combate ao racismo serem elementos materializados na Constituição/1988, a população negra ainda convive com o preconceito e discriminação racial, como: desigualdade salarial, favorecendo o sexo masculino; jornada de trabalho extenuante para mulheres; violência doméstica; ausência de reconhecimento profissional das mulheres; invisibilidade da imagem da mulher negra nas mídias, situando-as em uma posição de inferioridade, e demais fatores que reforçam o terreno frágil sobre o qual a mulher negra transita (LIMA, 2019).

No ano de 2019, um grupo de mulheres negras evangélicas, católicas e candomblecistas compartilhou, durante a 12ª edição do “Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha – Latinidades”, suas vivências e experiências relacionadas às condutas de resistência ao racismo a partir da prática religiosa (MACIEL, 2019).

É perceptível que as mulheres numericamente representam o percentual de mais de 50% do público religioso das Igrejas (IBGE, 2020). Dada esta quantidade significativa, é importante trazer para o campo da análise o modo como as mulheres negras têm se percebido dentro dos grupos religiosos dos quais participam.

Tendo em vista a desigualdade racial e de gênero sofrida pelas mulheres negras, esta pesquisa buscou compreender como estas mulheres lidam com o racismo e o preconceito nas comunidades religiosas das quais fazem parte. Salienta-se que o foco deste estudo não foram as religiões, mas sim como as mulheres negras colaboradoras dessa investigação constroem representações das suas vivências no âmbito das igrejas que frequentam e dinamizam seus modos de vidas.

Trazer questões de gênero somadas às questões raciais para o meio religioso é um desafio, devido às hierarquias do contexto cristão, pois parte-se do princípio de que determinados assuntos podem gerar certo desconforto, como os tabus, devendo ser evitados (CHANTAL, 2017). A autora coloca que as mulheres nem sempre se dão conta de que estão a obedecer a uma teologia patriarcal, inflexível, machista, racista e sexista.

Para esse trabalho contactou-se cinco mulheres negras jovens, entre acadêmicas, profissionais, classe média e praticantes católicas e evangélicas.

A Metodologia se deu por pesquisa de campo, qualitativa, descritiva, tendo em conta a prática religiosa das contactadas ancorada teoricamente em Portelli (1996), Ricouer (2007) e Rosi (2010), e problematizando as experiências dessas negras com suas religiosidades na cidade de Rolim de Moura-RO, levou-se em consideração também a História Oral como parte desse procedimento metodológico.

Quanto à oralidade, a entrevista é um recurso técnico importante à luz da qual, selecionei entrevistadas negras que contribuíram e contribuem com objeto de análise dessa investigação. A partir daí, os critérios de inclusão delimitados para este estudo foram: i) ser mulher; ii) considerar-se negra e iii) estar ativamente inserida em alguma instituição religiosa.

No tocante à estrutura deste texto, o mesmo está constituído por dois subtítulos, duas considerações, sendo uma inicial e outra final e uma referência bibliográfica. O primeiro subtítulo trata da experiência, da vivência das mulheres negras no âmbito das igrejas cristãs católicas e evangélicas; no segundo, são desenvolvidas a análise, a reflexão, e a problemática da relação da mulher negra na dinâmica interna e cotidiana do fazer religioso cristão, católico e evangélico. Na consideração inicial, foi mencionado o caminho teórico-metodológico que orientou a presente investigação, situando a cidade rolimourense; já na consideração final apontaram os resultados, as ponderações, as comparações e fez também algumas pontuações quanto possibilidades possíveis, situações do status e do papel da mulher negra no universo da religiosidade cristã católica/evangélica. Quanto ao referencial bibliográfico, elencaram-se algumas obras e publicações consultadas acerca do assunto aqui tratado.

## A mulher negra em perspectiva com suas experiências na igreja

De acordo com Chantal (2017, p. 74): “as mudanças religiosas ocorridas no século XX não são mais as mesmas que caracterizam a vivência religiosa hoje. Há evidentes transformações no campo político, social, econômico e também religioso.”. Dentre estas transformações, segundo a autora, verifica-se a maior participação de mulheres exercendo cargos influentes dentro das comunidades religiosas.

As referidas mudanças que são importantes e no caso das mulheres negras suscitam vivências, de certa forma, contraditórias, isto é, convivência tolerável, pseudos interações, dado que num espaço dito religioso eventos de cunho racista, preconceituoso, discriminatórios e estereótipos se fazem evidentes.

Com relação ao dito acima, faz-se necessário mencionar que no art. 5º da CF, o inc. VIII prevê: “Art. 5º. VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...]” (BRASIL, 1988). Frente a isso, sabendo que todo cidadão e toda cidadã independente de sua etnia, raça, sexo, gênero têm o direito de exercer sua fé e crenças religiosas. No que diz respeito a mulher negra, esta se encontra em um triplo desafio: ser do sexo feminino, ser negra e ser vista diferente, ou seja, a mulher negra está, no contexto, constantemente numa luta, num dilema, numa guerra implícita ou explícita para ser aceita nesse espaço e se manter nele, posto que no seio de uma religião que apresenta como arauto da igualdade, como qualquer outra instituição, mas é dotada de uma estrutura que pode vir a ser desigual (RIBEIRO, 2011).

Impera na literatura a expressão “Feminismo cristão” para explicar a influência exercida por Kathleen Bliss que, dentre muitas qualificações, é considerada uma escritora, teóloga, administradora religiosa e pioneira do Movimento Ecumênico e do Feminismo Cristão (BRUM, 2020). A autora pontua que Bliss trouxe esclarecimentos acerca da teologia feminista, com vistas a atingir um igualitarismo cristão que tirassem as mulheres do espaço de submissão e inferioridade na igreja.

Este tipo de intervenção que Bliss realizou teve como propósito levantar questionamentos acerca do lugar que as mulheres vinham ocupando no contexto eclesial, pois as interpretações das Escrituras Sagradas abrem margem para decisões que, no decorrer da história, segregaram as mulheres (RIBEIRO, 2011). Assim, as mulheres eram colocadas como inferiores aos homens nos aspectos de liderança religiosa, de responsabilidades e ocupação de cargos importantes.

Nessa perspectiva, conforme Mello e Lima (2016, p. 121): “Na tradição judaica, de características eminentemente patriarcais, a mulher sempre foi considerada diferente do homem. Essa forma de pensar vem embasada na tradição bíblica que diz que Deus se revela na pessoa humana [...]”. A colocação dos autores permite compreender que a mulher e o homem são tratados no contexto do Antigo Testamento com igualdade, tendo sido criados para uma vida em liberdade.

No entanto, apesar do que o Antigo Testamento vem trazendo, Mello e Lima (2016) argumentam que impera a existência de discriminação das mulheres, como seres destituídos de autonomia, independência, identidade e desejos próprios, devendo assumir posições inferiores as dos homens e contentar-se com esta realidade. Salienta-se que este trabalho não pretende realizar uma análise bíblica acerca das condições da mulher, mas não se pode deixar de enfatizar que muitos líderes religiosos buscam respaldo nas Escrituras Sagradas para legitimarem suas opiniões, não raro, de natureza machista e preconceituosa, contra as mulheres.

Tendo exposto até aqui algumas ideias acerca do status das mulheres e da mulher negra, mencionando suas relações com o contexto da tradição religiosa com vista mostrar a postura de entidade religiosa diante do gênero.

A partir desse contexto, passa-se a focar a dinâmica de gênero e a condição de negra da mulher na cidade de Rolim de Moura-RO, com se dá isso, no cenário religioso a partir do fazer-se mulher negra das cinco mulheres negras contactadas nesse estudo.

### **O papel da mulher negra em instituições religiosas em Rolim de Moura**

A cidade de Rolim de Moura-RO situa-se na zona da mata rondoniense e sua população é composta por migrante oriundos de diversos estados brasileiros. Nela é significativo considerar a presença da população negra, a qual ao passo de constituição dessa localidade foi tecendo suas relações de pertencimento ao fincar seus valores e construir seus modos de vida em um movimento de agregar as práticas aprendidas nesse território em diálogo com os valores de outros espaços em que viveram.

Por sua vez, é possível problematizar o processo de constituição da cidade de Rolim de Moura/RO por diversas perspectivas inclusive a demográfica e a cultural, além disso a reflexão sobre a cidade se fará a partir da referência negro-religiosa.

O cenário religioso dessa localidade é composto por religiões de matriz africana, pelas práticas de bênção, espiritismo, o catolicismo, a união do vegetal e as evangélicas, em que a última constitui considerável representatividade não apenas na cidade e sim no estado, de modo

que é possível perceber nas igrejas evangélicas o percentual de pessoas negras que se orientam por essa prática religiosa que qualificam suas ações cotidianas por serem parte integrante dos seus modos de vidas.

A partir de uma pesquisa de levantamento de dados em relação à quantidade de igrejas em Rolim de Moura/RO, com base em informações disponibilizadas prefeitura do município, constata-se que os dados revelam que, atualmente, existe um total de 147 (cento e quarenta e sete) igrejas. Deste total, 117 (cento e dezessete) são evangélicas e aproximadamente 30 (trinta) são comunidades católicas. Frente aos dados, observa-se a maior concentração de instituições religiosas evangélicas no município.

Diante disso, analiso as interpretações/respostas dadas pelas mulheres entrevistadas, a começar pela forma como elas veem, com base em suas experiências, o papel da mulher negra dentro dos grupos religiosos dos quais fazem parte. Os recortes de falas foram apresentados de maneira literal, na tentativa de transmitir, de alguma forma, a possível emoção que as entrevistadas expressaram. Essas falas foram apresentadas distinguindo as participantes conforme a religião, e nomes fictícios foram utilizados, com o intuito de preservar a identidade das entrevistadas, sendo elas: Lúcia, Fernanda, Andréia, Juliana e Dolores.

No tocante ao papel desempenhado pelas mulheres negras nas instituições religiosas no município de Rolim de Moura/RO, unanimemente, as participantes desta pesquisa opinaram positivamente acerca das participações nas referidas instituições, ora como liderança ou simplesmente como membras.

Esta importância foi apontada pelas entrevistadas não apenas como forma de favorecer a diversidade e igualdade neste contexto, mas também para melhor explorar e reconhecer todo o potencial que estas mulheres possuem.

Assim, Fernanda, Andréia e Lúcia, católicas, fizeram as seguintes afirmações sobre o papel da mulher negra em suas comunidades religiosas:

Eu acho super necessário, antigamente as pessoas negras eram muito mal vistas, até hoje na verdade, né? mas ter uma mulher e ainda negra liderando um posto dentro da igreja é extraordinário, praticamente uma reparação histórica (Fernanda, 26 anos, católica, classe média, auxiliar de monitoramento, graduanda em Inglês).

De suma importância por esta contribuindo dentro da cultura religiosa, e estar desenvolvendo seu papel na sociedade (Andréia, 46 anos, católica, classe média, psicóloga, neuropsicóloga, mestranda em Psicologia Organizacional).

Vejo como algo natural (Lúcia, 24 anos, católica, classe média, auxiliar de monitoramento, graduanda em Direito).

À luz da narrativa de Fernanda ao estabelecer o diálogo do presente com o passado é possível apontar que a leitura relativa a comunidade negra leva-nos a perceber que cotidianamente as mulheres negras se sentem desafiadas e assim experimentam diariamente

situações constrangedoras. Por sua fala é plausível afirmar que os avanços derivam das lutas construída historicamente pela própria comunidade negra, embora tenha que conviver com o racismo, o preconceito e a discriminação social.

O diz de Andreia, enquanto mulher negra e católica, reflete uma visão de que é possível, diante de um obstáculo, superá-los e se impor como demonstração de que todas as mulheres são capazes de realizar ação e participação relevantes no seio da comunidade religiosa. Para Lúcia, quanto às mulheres negras ocuparem posições relevantes na estrutura eclesial seria natural, se não fosse um espaço permeado por relações de poder, machista e sexista em que também é perceptível ações e práticas que materializam o racismo, o preconceito e a discriminação social.

Já as participantes evangélicas, Dolores e Juliana, nas denominações religiosas Batista e Tabernáculo da Fé, deram os seguintes depoimentos:

Mulher negra vejo ocupando diversos cargos dentro da igreja, desde que a partir de um convite a mesma se predispõe assumir o cargo ofertado (Dolores, 44 anos, Protestante/Batista, classe média, professora).

Na minha igreja não vejo nenhum problema, pois a mulher negra hoje como a mulher branca normal não vejo diferença (Juliana, 25 anos, Tabernáculo da Fé, classe média, fisioterapeuta).

À luz da interpretação de Dolores é possível perceber que a participação efetiva das mulheres negras ocorreu de forma gradativa, o que nos leva a compreender que não é uma prática natural e cotidiana, haja vista que o procedimento para ocupar as funções deriva de um convite. Tem-se uma prática seletiva, em que na maioria das vezes pode levar as práticas de exclusão considerando que parcela significativa das mulheres negras não tiveram acesso a uma educação ou estudaram.

Por outro lado, tais questões nos abrem a possibilidade para pensar como essa realidade se constrói no terreno da luta e das disputas que as pessoas negras travam para sobreviverem nos diversos setores sociais, inclusive nas instituições religiosas, uma vez que apesar da narrativa juliana construir indícios da inexistência de problemas, a sua fala coloca em dúvida seus apontamentos ao dizer que a “mulher negra, hoje, como a mulher branca, normal, não vejo diferença.”

Além disso, vale mencionar narrativas de mulheres negras quanto as suas vivências, experiências no mundo religioso, são falas riquíssimas, relevantes, significativas e profundas com estas:

Já estive mais, me sinto bloqueada, pois lá tem muitas doutrinas e sinto que não me adequo mais as normas (Juliana, 25 anos, Tabernáculo da Fé, classe média, fisioterapeuta).

Eu já fui excluída na minha comunidade, mas as pessoas são ruins, só pensam nelas, não quer saber do outro irmão se está precisando de ajuda. Mas eu sou feliz na minha comunidade, tenho amigos de verdade com quem posso trocar ideia a vontade, sem julgamentos, mas com puxões de orelha (Fernanda, 26 anos, católica, classe média, auxiliar de monitoramento, graduanda em Inglês).

Os dois relatos apresentados sugerem que em algum momento o grupo religioso pode ser nocivo para as mulheres negras. No caso da entrevistada Fernanda, apesar de estar se sentindo feliz atualmente, já experienciou a exclusão em virtude de sua cor de pele; essa exclusão é encontrada em alguns subgrupos, inclusive. Esse pequeno grupo é formado por pessoas que também se sentiram excluídas em algum momento.

As denominações religiosas cristãs de um modo geral e as evangélicas em sentido particular não mencionam, não vislumbram, não faz referências aos aspectos africanos encontrados no texto bíblico, ou seja, se veem menção alguma à África e, portanto as que direto ou indiretamente têm haver com esse continente no sentido de evidenciar positivamente suas contribuições, aliás, invisibilizam, desprezam, ocultam e com isso desconsideram a presença de pessoas negras, mulheres e homens na sua dignidade.

Longe de propor uma análise bíblica, é pertinente considerar para este texto que as Escrituras Sagradas são tidas, por alguns, como uma bússola da religião. É sabido que algumas pessoas interpretam alguns trechos bíblicos de forma equivocada fazendo ilações irreais com pessoas negras, muitas vezes, ou quase sempre pejorativamente e esse sentido desfavorável quanto a pessoa negra implica uma visão deturpada, estereotipada, preconceituosa e racista, sobretudo quanto à mulher negra.

Tendo por referência essa visão distorcida do texto bíblico quanto a negritude, Reina (2017, p. 265) argumenta que: “[...] há uma verdadeira demonização da cultura africana e das religiões de matriz africana por parte das grandes vertentes evangélicas do Brasil.”. Para muitos líderes religiosos, inclusive, a matriz africana é vista como canal de intervenção demoníaca, devendo manter afastados quaisquer assuntos que contemplem estes temas na igreja.

Estas reflexões se fazem importantes neste estudo, pois não há como dissociar a forma como as culturas africanas são percebidas e o tratamento destinados aos membros negros dos grupos religiosos, especialmente as mulheres negras, que trazem neste bojo mais um entrave: o ser mulher. Portanto, entender de que forma as instituições religiosas têm se referido à cultura

negra é uma importante chave para avaliar o modo como percebem seus fiéis negros no âmbito religioso.

Ser mulher e negra é ter que lidar com este problema duas vezes. Quanto mais escura a cor da pele, maior exposição ao preconceito a mulher negra está suscetível a passar (SILVA; SARAIVA, 2020). Desta forma, há o chamado mito da democracia racial, também presente nas igrejas, o qual presume que: “o racismo que incide sobre os negros se dá não apenas em decorrência de um pertencimento étnico, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos inscritos no corpo, rejeitada pelo ideal de branqueamento [...]” (SILVA; SARAIVA, 2020, p. 536). Deste modo, entende-se que este ideal de branqueamento inclui elementos morais, estéticos e intelectuais, instituindo uma configuração social na qual a cor preta é preterida, inferiorizada e colocada à margem da sociedade.

Portanto, provar-se mulher e aceitar-se negra em uma conjuntura social preconceituosa evidencia que as mulheres negras enfrentam grandes desafios em suas experiências religiosas, tendo, inclusive, suas competências minadas, uma vez que as figuras de liderança religiosa, quase sempre homens brancos, nem sempre aprovam a influência feminina neste contexto, silenciando-as e anulando-as.

Frente a isso, Mello e Lima (2016, p. 132) auxiliam nesta compreensão, colocando que: “[...] alguns até concordam que as mulheres podem alcançar postos de liderança na igreja, mas como pastoras assistentes ou associadas, nunca como pastoras principais.”. Em outros contextos religiosos esta possibilidade sequer existe, pois neles as mulheres jamais devem assumir papéis de influência.

Para finalizar a entrevista com as mulheres participantes, solicitou-se que deixassem uma orientação às mulheres religiosas negras. Assim, as participantes católicas fizeram as seguintes pontuações:

Mulheres não foquem em tom de pele e cabelo, e sim na capacidade que vocês mulheres tem (Andréia, 46 anos, católica, classe média, psicóloga, neuropsicóloga, mestranda em Psicologia Organizacional).

À luz da narrativa de Andréia o indicativo consiste em compreender que o racismo, o preconceito e a discriminação não deixaram de existir, mas saíram da senzala e não retornaram. Por isso, a sociedade terá que lidar com a presença forte e vida das mulheres negra. Por sua vez, Lúcia amplia o sentido da luta, de modo que:

Permanecerem firmes naquilo que acreditam ser certo e independente de qualquer coisa respeitar o próximo (Lúcia, 24 anos, católica, classe média, auxiliar de monitoramento, graduanda em Direito).

É plausível perceber que as mesmas não deixaram de lutar e não aceitam mais serem reduzidas as narrativas de estigmatização dos seus modos de vida e, portanto, irão continuar apresentando seus modos de vida a comunidade, em que produzirão suas próprias narrativas soerguendo suas próprias memórias. Assim sendo, a luta se fará com empatia e não balizará no ódio, conforme sugere Fernanda:

Que elas possam seguir seus corações, rezando para outras mulheres, e também para os homens né, que elas possam ser gentis com o próximo, ter empatia. Pensar sempre em como falar com alguém, porque isso é muito importante. Nos tempos de hoje, tem que saber levar de mais com uma pessoa (Fernanda, 26 anos, católica, classe média, auxiliar de monitoramento, graduanda em Inglês).

Neste horizonte de luta e de produção da identidade da mulher negra o cuidar de si é fundamental, de modo a não permitir que a violência construída para definir o lugar e os papéis sejam o fio condutor de sua existência social. Ao contrário, tomar o universo cultural da comunidade negra como valores substanciais para construir seus referenciais de beleza, de sentirem se amadas. Por isso, as relações com a comunidade em que se vive não pode basear em práticas de dominação e subordinação, conforme narrativa abaixo:

Quero falar para todas as mulheres independentemente de religião ou cor de pele que não deixem que nada impeça de se cuidar. Se sinta amada, se olhe e diga 'sou um arraso' (Juliana, 25 anos, Tabernáculo da Fé, classe média, fisioterapeuta).

Nessa lógica, Dolores evidencia que a religião deve ser um caminho de paz e não de opressão, de modo que o fato de frequentar uma instituição religiosa e desenvolver a sua fé não significa que aceita as violências e as injustiças sociais. Nesta dimensão, é possível perceber que a luta relativa a violência contra as mulheres negras envolve também o tom da pele, a questão religiosa, mas, sobretudo, a não aceitação da violência contra qualquer mulher é uma luta constante, já que:

Que independente do nosso tom de pele, nossa religião, temos que ser respeitadas e termos os direitos de expressarmos sempre pensando no nosso bem-estar social e moral, não aceitando pacificamente qualquer tipo de violência (Dolores, 44 anos, Protestante/Batista, classe média, professora).

Os relatos das participantes giraram em torno de diversos assuntos, tanto as questões estéticas, quanto morais e psicológicas. Nas questões estéticas uma entrevistada falou sobre aceitar-se como é; nas questões morais, sobre comportar-se de maneira respeitosa, e nas questões psicológicas, sobre confiar em si mesma, nas próprias competências e aptidões, tirando foco de questões que possam ofuscar o potencial. Estas orientações sugerem quais fatores as

mulheres negras têm buscado fortalecer para que consigam manter uma participação assertiva em seus grupos religiosos, de modo a sentirem-se empoderadas, motivadas e valorizadas.

As mulheres negras entrevistadas se sentem, em sua maioria, satisfeitas com seus grupos religiosos, ainda se percebem ocupando um espaço em que o preconceito se manifesta de forma velada, seja através da ausência de representatividade de mulheres negras exercendo cargos de liderança em seus grupos, e/ou a ausência da adoção de estratégias e métodos que abordem os temas, como: preconceito e discriminação racial, feminismo, empoderamento feminino, entre outros.

Quanto à problemática da mulher negra na religiosidade cristã católica/evangélica, pensar na religião com relação à possibilidade de uma mudança de consciência é fundamental, não apenas no sentido subjetivo de adquirir mais conhecimento, mas, principalmente, no sentido objetivo, de modo a construir uma dinâmica interna menos intrincada, mais acessível às mulheres negras, de maneira que possam exercer uma representatividade e influência positiva para os membros negros.

Em meio a esta realidade, as mulheres negras se veem diante do desafio de lutarem contra as disparidades raciais no âmbito religioso, de maneira que consigam ter uma participação qualitativa e se sintam efetivamente pertencentes, acolhidas e respeitadas. Apesar de ser uma caminhada complexa e cheia de obstáculos, as mulheres negras têm auferido grandes conquistas na representatividade dentro das igrejas, formando um cenário otimista para o futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo focaliza a mulher negra sob perspectiva, em uma análise de sua realidade no contexto religioso, sob as lentes históricas, culturais, sociais e políticas, considerando seus papéis e cargos ocupados nas igrejas, sua influência, identidade e representatividade. Portanto, problematiza a percepção da mulher negra a respeito de suas vivências nos grupos religiosos.

Os resultados desta pesquisa apontam que, no tocante ao papel desempenhado pelas mulheres negras dentro das instituições religiosas, as participantes consideraram que essa realidade efetivada, mas é permeado por dinâmica e práticas de exclusão que interligam ao racismo, o preconceito e a discriminação social. O desafio foi apontado pelas entrevistadas por ainda serem escasso as mulheres negras que ocupam tais lugares e os temas a diversidade e igualdade neste contexto não é uma realidade experimentada cotidianamente pela comunidade. Neste sentido, o racismo, o preconceito e a discriminação têm sido fatores que impedem de

explorar e reconhecer todo o potencial que estas mulheres possuem e, muitas vezes, não são considerados.

Este estudo mostrou que o racismo e a discriminação racial, no âmbito das instituições religiosas, estiveram ou estão relacionados uma visão equivocada de algumas passagens da escritura sagrada, isso implica um descompasso de uma boa convivência no que diz respeito a dignidade entre negros e brancos.

As entrevistadas católicas afirmaram que as pautas sobre racismo e feminismo são, geralmente, apresentadas por homens, membros do Clero. A necessidade de falar sobre preconceito e discriminação racial nos grupos religiosos é tão grande que qualquer forma de abordagem já é considerada importante, pelo simples fato de levar estes temas para análise e reflexão.

Pode-se perceber que as entrevistadas se sentem incluídas, aceitas e valorizadas em seus grupos religiosos, na medida em que se percebem sendo ativas e necessárias. Assim, observa-se que a satisfação das mulheres negras com os seus grupos religiosos está diretamente relacionada com o sentimento de pertença e inclusão, no sentido de sentir-se útil, importante e influente neste contexto.

Registrou-se, neste estudo, que a maior parte das entrevistadas foi exposta a alguma situação constrangedora em virtude de seu gênero e/ou cor da pele. Como forma de autoproteção, estas mulheres acabam formando subgrupos dentro da igreja, compostos por pessoas com as mesmas demandas. Essa subdivisão interna pode acabar reforçando certas características e gerando afastamento entre as pessoas em condições raciais diferentes. Aqui, salienta-se a necessidade de as igrejas observarem se este afastamento é saudável para o grupo como um todo.

Portanto, este estudo fez pensar sobre a essencialidade de levantar discussões nos grupos religiosos acerca do preconceito e discriminação racial, pois indiretamente os líderes podem fomentar estas práticas. A autoridade exercida nos cargos de liderança pode passar a ideia de que a estrutura eclesial é forte demais para ser repensada ou reajustada de uma forma que as mulheres negras se sintam incluídas e pertencentes, podendo levar à aceitação passiva desta realidade.

Ao verificar o nível de satisfação das entrevistadas, esta pesquisa evidenciou que, enquanto algumas delas se mostraram satisfeitas com seus grupos religiosos, no sentido de se sentirem acolhidas, compreendidas e seguras, outras se sentem incomodadas e desamparadas por esta realidade. Nessa toada, é sensato inferir que o ambiente religioso ainda precisa ser

lapidado para que consiga ser efetivamente acolhedor, seguro, igualitário e empático com demandas das mulheres negras.

Portanto, esta pesquisa permitiu compreender que, apesar de as mulheres negras entrevistadas se sentirem, em sua maioria, satisfeitas com seus grupos religiosos, ainda se percebem ocupando um espaço em que o preconceito se manifesta de forma velada, seja através da ausência de representatividade de mulheres negras exercendo cargos de liderança em seus grupos, e/ou a ausência da adoção de estratégias e métodos que abordem os temas aqui tratados.

Diante do exposto, espera-se que este estudo contribua para fomentar o debate relativo ao processo de constituição e reconstituição das experiências negras no estado de Rondônia-RO. Além disso, salienta-se a urgência de estudos mais elaborados sobre a participação de mulheres negras nos grupos religiosos, de maneira que seja possível repensar a praxe das igrejas, e o modo como estas instituições religiosas vêm percebendo a participação das mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Efésios 5:23**. Bíblia Leitura Perfeita: Evangelismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Vade Mecum. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

BRUM, D. M. **Feminismo pra quem?** São Paulo: Astral Cultural, 2020.

CHANTAL, G. R. S. Agora que são elas: as mulheres como líderes eclesiais. **Annales**, v. 2, n. 4. Belo Horizonte, 2017, p. 74-80. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/3871>. Acesso em: 12 jun. 2021.

LIMA, R. S. M. **Segregação socioespacial e racial de mulheres negras na cidade de São José dos Campos, SP**: invisibilidade, preconceito e direito à cidade. Dissertação de Mestrado. São José dos Campos, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf-ofpos.php?reqid=557>. Acesso em: 04 jun. 2021.

IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Dados da pesquisa do doutor em demografia José Eustáquio Alves sobre a perspectiva de crescimento da religião evangélica. São Paulo: IBGE, 2020.

MACIEL, C. **Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-07/mulheres-negras-se-engajam-no-combate-intolerancia-religiosa>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MELLO, A G. S.; LIMA, D. B. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**, v. 2 n. 1, jan./jul. São Leopoldo, 2016, p. 121. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2753>. Acesso em: 28 maio 2021.

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val Di Chiana ( Toscana, 29 de Junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta M., AMADO, Janaína: (Org.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

REINA, M. L. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 24, n. 2. São Paulo, 2017, p. 265. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/143005>. Acesso em: 05 jun. 2021.

RIBEIRO, M. S. F. Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios. **Revista Caminhando**, v. 16, n. 2, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/2843>. Acesso em: 05 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: **Seis ensaios da história das ideias**. São Paulo: Edunesp, 2010.

SILVA, M. A. F.; SARAIVA, L. A. S. Relações raciais e histórias de vida: trabalhadores industriais negros em foco. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 27, n. 94, jul./set. São Paulo, 2020, p. 536. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/55tFFjmJ8fYW3yTbph7XGLr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021.